



# O uso da literatura de cordel no ensino de variação linguística

*The use of cordel literature in the teaching of linguistic variation*

José Luiz Santos de Jesus\*  
Universidade Federal de Sergipe  
São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Laura Camila Bráz de Almeida\*\*  
Universidade Federal da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

**Resumo:** Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa sobre Literatura de Cordel e variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa. A partir da leitura dos cordéis *A chegada de Lampião no céu*, de Rodolfo Coelho Cavalcante, e *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco, o objetivo da pesquisa é discutir acerca da variação linguística e suas contribuições na compreensão de textos de diferentes naturezas, colaborando na construção de sentidos. Segundo Paim (2019), a Dialetologia e a Sociolinguística podem ajudar os professores na sua prática educativa, atuando na constituição da identidade social, coletiva e linguística do indivíduo. É importante que se dê ao aluno a consciência de que variações linguísticas existem e que elas podem representar a história de um povo. Foi utilizada como metodologia o procedimento chamado Sequência Didática, elaborado por Dolz, Noverraz e Schnewly (2004), em que consiste na sequenciação de atividades, escritas e de leitura, que contribuem para o propósito das aulas. Os resultados obtidos com a pesquisa foram satisfatórios. O ensino da variação linguística presente no cordel utilizado ocorreu em forma de debates, quando as variações eram percebidas na leitura. Ao buscar o significado de cada exemplo da diversidade lexical da língua presente nesses cordéis, e em produção textual, os alunos relataram a importância de se estudar variações linguísticas e o uso do cordel nas aulas de Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Ensino. Literatura de cordel.

**Abstract:** This paper presents results of a research on Cordel Literature and linguistic variation in Portuguese language classes. From the reading of the cords *The arrival of Lampião in the sky*, by Rodolfo Coelho Cavalcante, and *The arrival of Lampião in hell*, by José Pacheco, the objective of the research is to discuss about linguistic variation and its contributions in the understanding of texts of different natures, collaborating in the construction of meanings. According to Paim (2019), Dialectology and Sociolinguistics can help teachers in their educational practice, acting in the constitution of the social, collective and linguistic identity of the individual. It is important to give the student the awareness that linguistic variations exist and that they can represent the history of a people. The procedure called Didactic Sequence, elaborated by Dolz, Noverraz and Schnewly (2004), consisting of the sequencing of activities, writing and reading, which contribute to the purpose of the classes, was used as a methodology. The results obtained with the research were satisfactory. The teaching of linguistic variation used in the string occurred in the form of debates, when variations were perceived in reading. By seeking the meaning of each example of the lexical diversity of the language present in these cords,

\* Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL-UFS)  
E-mail: stos\_nino@icloud.com.

\*\* Doutora em Letras e professora da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: profa.laura.almeida.ufs@gmail.com.

and in textual production, the students reported the importance of studying linguistic variations and the use of string in Portuguese language classes.

**Keywords:** Linguistic variation. Teaching. String literature.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas aulas de Língua Portuguesa da educação básica, seja qual for nível de ensino, espera-se que se ensine não somente as regras da língua, como também o seu uso. Alvo de debates entre pesquisadores da área, professores, órgãos educacionais e até mesmo a mídia, o ensino de variação linguística é visto como necessário para o conhecimento da língua materna. O Português Brasileiro é uma língua heterogênea, ou seja, a Língua Portuguesa falada no Brasil não é uniforme, pois é constituída por variações dialógicas, semânticas, fonéticas etc. Desse modo, faz-se necessário o ensino de variação linguística nas salas de aula para que conscientize os alunos a entenderem a variedade da língua e não agir de forma preconceituosa diante de um “modo de falar” diferente do seu.

Paim (2019, p. 39) diz que:

Desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a educação do Brasil vem se modificando no intuito de melhorar o ensino. No que diz respeito à Língua Portuguesa, verifica-se o interesse em possibilitar um ensino conforme as descobertas mais recentes da linguagem e, por consequência, a abordagem da heterogeneidade da língua.

Ela completa dizendo que escolas que não aceitam o caráter heterogêneo da língua tendem a impor uma língua descrita pela tradição gramatical, considerando as demais variantes como erros. Se levar o conceito de língua culta, essa de tradição gramatical, o modo certo de se falar, então muita gente no Brasil fala errado? Não! Isso quer dizer que o que acontece é que a forma de falar em desacordo com a tradição gramatical é totalmente estigmatizada pela sua variação. E é por isso que o ensino de variação linguísticas na sala de aula se faz necessário, pois conscientiza o aluno que existem variações, sejam elas em relação a gênero, idade e lugar onde mora, para assim haver empatia e respeito pela diversidade.

Ainda segundo a autora, “a Dialetoлогия e a Sociolinguística podem ajudar os professores na sua prática educativa sem atuar, de forma negativa, na constituição da identidade social, coletiva e linguística do indivíduo” (PAIM, 2019, p. 39). Para isso, os PCNs indicam explicitamente que sejam trabalhadas em sala de aula questões que foquem na variação linguística, pois “o aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades – aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes” (BRASIL, 1998, p. 81). É sugerido que se trabalhe com o aluno o conhecimento de outras variações dialetais, como elas se constituem e quais mudanças na língua são suscetíveis de tais mudanças. Isso fará com que os alunos percebam que a língua muda e que esteja preparado para identificar essas mudanças.

Segundo o PCN (BRASIL, 1998, p. 29), documento referente ao ensino de Língua Portuguesa:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala.

Com isso, a intenção é fazer com que o aluno “seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados” (BRASIL, 1998, p. 52). Isto é, conhecendo outras variedades além da dita padrão, aquela em que se aproxima o máximo da tradição gramática, o aluno quebrará paradigmas linguísticos de certo e errado e combaterá preconceitos linguísticos existentes contra as formas populares em oposição às formas utilizadas por grupos socialmente prestigiados. Sobre essa questão, o PCN (BRASIL, 1998, p.82) destaca:

O preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana.

Portanto, fez-se necessário um estudo acerca do ensino de variação linguística pelo fato da carência percebida nas aulas de Língua Portuguesa, visto que pouco se discute sobre o assunto, e, mesmo que se discuta, é de forma abrangente, não dando aos alunos a ciência de que a língua é heterogênea. Tal estudo foi feito por meio do Letramento Literário, prática de ensino de leitura e escrita utilizando gêneros literários. O gênero literário escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a Literatura de Cordel. A escolha do gênero se deu pelo fato de que para Abreu (1999), a Literatura de Cordel tem a capacidade de ampliar a visão dos alunos acerca das diversidades sociais, políticas, econômicas, linguísticas e culturais do país em que vivem, sobretudo na região Nordeste. Por fim, o projeto buscou-se desenvolver em escola pública, justamente pelo fato de que é a que mais absorve alunos cuja linguagem pode se afastar mais da norma culta, dadas as condições sócio-culturais que implicam diferenças linguísticas.

Pretende-se, então, com essa pesquisa verificar como o ensino de variação linguística se dá na prática educacional, observando como os alunos reagem ao defrontar com a possibilidade de existência de outras variações dialetais. Como isso foi feito por meio do letramento literário, buscou-se também identificar a possibilidade de ensinar e discutir variação linguística utilizando textos literários, nesse caso, a Literatura de Cordel.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. LETRAMENTO LITERÁRIO

O conceito de letramento vem se tornando cada vez mais conhecido no meio acadêmico e escolar, uma vez que indica a leitura/produção e a visão crítica dos conteúdos abordados na escola, bem como nas práticas sociais de leitura e escrita. Sendo letramento o uso social da leitura e escrita, o termo letramento literário integra o plural dos letramentos, fazendo parte da expansão do termo. Para desenvolver o letramento literário, é necessário que se trabalhe textos retirados dos mais diversos gêneros literários e explore neles também os aspectos socio-culturais ali presentes, permitindo que o leitor, além de construir sentidos na leitura, seja capaz de entender o contexto social e cultural da obra e relacionar ao seu, podendo assim atribuir sentidos e, porventura, formular críticas próprias. Para Rildo Cosson (2014), o letramento literário propõe uma visão voltada para o verdadeiro sentido da leitura e literatura, existindo, na cultura social e escolar.

Além dos aspectos socio-culturais da obra, há também a possibilidade de trabalhar aspectos linguísticos, visto que a leitura dialógica do texto literário permite o leitor dialogar diretamente com o texto, fazendo-o inclusive perceber que tais aspectos, socio-culturais e linguísticos, relacionam-se e permitem compreender melhor a leitura da obra. Em termos gerais, trabalhar na sala de aula o letramento literário possibilita um processo de ensino-aprendizagem efetivo, em que se pode retirar de uma obra diversas discussões relacionadas à língua, bem como outras áreas de ensino, caracterizando assim essa forma de letramento multidisciplinar. Assim, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p. 17).

Para Cosson (2014, p.103),

É importante compreender que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

O letramento literário reconhece que a sociedade muda e com ela mudam suas características, hábitos e formas de comunicação. Justamente por isso, essa forma de letramento é eficaz no ensino de variação linguística, pois permite trabalhar um texto com determinadas condições de produção, possibilitando que os alunos reconheçam que ali pode existir uma variação, discuti-la e relacioná-la à narrativa, colaborando assim na compreensão. Assim, o letramento literário pode ser caracterizado como um meio de “valorização das variedades linguísticas que caracterizam a comunidade dos falantes da Língua Portuguesa nas diferentes regiões do país” (BRASIL, 1998, p. 64).

## 2.2. LITERATURA DE CORDEL

Segundo Cosson (2014), em relação ao letramento literário e a escolha dos textos que serão apresentados aos alunos, há fatores que propiciam a seleção da literatura a ser trabalhada. Ele diz sobre a não necessidade do professor seguir o cânone, ou seja, “aquele conjunto de obras consideradas representativas de uma nação ou idioma” (COSSON, 2014, p. 32), permitindo que o professor tenha liberdade de escolher textos representativos buscando refletir os princípios da sociedade da qual o aluno faz parte, além de defender a pluralidade e a diversidade, seja de gêneros, temas ou linguagens.

Sabe-se que para desenvolver o letramento literário é necessário que se trabalhe em cima de um texto de natureza literária. Para isso, escolheu-se trabalhar com o gênero literatura de cordel. Mas um dos objetivos desta pesquisa também é trazer para a discussão a importância de trabalhar o gênero Literatura de Cordel nas aulas de Língua Portuguesa pela sua riqueza cultural. A escolha do gênero se deu pelo fato de que, segundo Abreu (1999, p. 107-108), a Literatura de Cordel tem a capacidade de ampliar a visão dos alunos acerca das diversidades sociais, políticas, econômicas, linguísticas e culturais do país em que vivem, sobretudo na região Nordeste. Afinal, o PCN de Língua Portuguesa sugere como forma de desenvolver e reconhecer valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem o “interesse pela literatura, considerando-a forma de expressão da cultura de um povo.” (BRASIL, 1998, p. 64).

Por sua vez, o estudo de Marinho e Pinheiro (2012) discute sobre a importância do uso do cordel em sala de aula, tanto para a valorização do gênero, pouco conhecido pelos alunos, quanto pelo valor educacional que ele possui, em que pode se trabalhar a partir dele a interdisciplinaridade, pois ele permite que se explore não apenas o campo literário, mas também o histórico, o linguístico, o sociológico, o geográfico etc. Eles acreditam que “a literatura de cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística.” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 12).

Esses autores, Marinho e Pinheiro (2012, p. 126), completam dizendo que

Uma prática pedagógica que lança mão da literatura de cordel apenas como fonte de informação (pesquisa sobre fatos históricos, sobre determinados personagens - Getúlio Vargas, padre Cícero etc. - sobre fatos da linguagem), que retoma esta produção cultural apenas como objeto de observação, parece-me inadequada para a sala de aula – sobretudo para o Ensino Fundamental.

Com isso, os autores deixam claro que, ao usar o gênero na aula, deve-se explorar não somente a sua leitura, mas também toda e qualquer informação que possa constar no folheto. Porém eles completam que considerar o cordel apenas uma ferramenta de contribuição da assimilação dos conteúdos disseminados nas variadas disciplinas não parece uma atitude que construa significativamente a experiência com o gênero. Isto é, é preciso saber articular o uso do cordel entre leitura, com a intenção de fazer isso de forma

prazerosa a fim de formar leitores e estimular o gosto pelo gênero, como também explorar de forma positiva os conteúdos que possam ser debatidos do cordel.

Os aspectos linguísticos da obra são um ótimo ponto de partida para o ensino de variação linguística, visto que, ao retratar a cultura popular nordestina, o cordel trará a linguagem que permeia a realidade de muitos alunos. Eles poderão ver empregados ao texto termos que lhe são familiares e que, porventura, poderiam considerar errados pela tradição gramatical. Assim, os alunos entendem que a forma de falar do povo nordestino não se caracteriza como erro, mas como variedade, tão rica e importante quanto qualquer outra.

O cordel é considerado pelo PCN de Língua Portuguesa um dos gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos e é caracterizado para o desenvolvimento da linguagem oral, justamente pela sua musicalidade. Dessa forma, isso permite desenvolver no aluno a “identificação das formas particulares dos gêneros literários do oral que se distinguem do falar cotidiano” (BRASIL, 1998, p. 55).

### 3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Essa pesquisa objetivou buscar uma forma de desenvolver o estudo de variação linguística por meio do letramento literário pela leitura de textos literários em que se pode identificar uma variação que possa ser trabalhada. O intuito é fazer uma abordagem diferenciada do conteúdo, podendo ensinar que a língua é heterogênea, ou seja, que é composta por variações, de forma que também se incentive o ato da leitura de textos literários para formação de leitores. Buscou-se então utilizar o cordel para discutir acerca da variação presente nele e ser o ponto de partida para o ensino de variação linguística.

Para isso, foi utilizado como metodologia para elaborar as aulas com o intuito de coletar os dados para análise o procedimento chamado Sequência Didática, elaborado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), em que consiste na sequenciação de atividades de leitura e de escrita que contribuirão para os propósitos das aulas. A Sequência Didática foi dividida em módulos, dos quais foram feitas as leituras dos cordéis escolhidos, foi discutida a variação linguística neles presente e, por fim, uma produção textual que foi a elaboração de um cordel de autoria dos próprios alunos que, além de conter a compreensão leitora dos alunos em relação ao destino de Lampião, se havia ido para o céu ou inferno, também deveria incluir a variação tipicamente utilizada em folhetos de cordel. Essa produção textual foi o que serviu de *corpus* para análise dos dados.

No primeiro módulo, foi utilizada a estratégia de antecipação e inferências (Solé, 1998), ao utilizar textos, imagens e vídeos sobre o cangaço e o personagem principal do cordel em questão: Lampião, para que fossem ativados os conhecimentos prévios dos alunos acerca do tema discutido, etapa fundamental na atribuição de significado ao texto, consoante Solé (1998, p.71). Também nesse módulo foi utilizado um texto para conceituar o gênero Literatura de Cordel, pois tal gênero ainda não havia sido estudado por aquela turma. No segundo módulo, foi iniciada a leitura do primeiro cordel a ser utilizado nesta fase da pesquisa, A chegada de Lampião no inferno. A escolha desse cordel para ser lido primeiro se deu pela leitura feita previamente pelo pesquisador, pois, segundo Cosson, “o professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final” (COSSON, 2014, p.

32). Assim, para que se tivesse uma lógica, esse cordel precisava ser lido primeiro para haver coerência na história. No decorrer da leitura, algumas palavras, expressões e a pronúncia de algumas palavras eram identificadas pelos alunos, anotadas e discutidas.

No terceiro módulo, terminada a leitura do primeiro cordel, foi iniciada a leitura do segundo, *A chegada de Lampião no céu*, que, do mesmo modo, foram feitas discussões sobre a leitura e relações com os cordéis lidos anteriormente. Em seguida, ainda nesse módulo, foi solicitado aos alunos que fizessem uma lista com todos os termos observados e anotados pelos alunos. Depois disso, uma discussão aprofundada acerca da variação linguística foi feita. Foram apresentados os conceitos que permeiam o estudo, apresentados alguns exemplos de variação presente no português brasileiro, bem como a importância do respeito à diversidade linguística, com o intuito de quebrar com o preconceito linguístico e acabar com o tabu de que a língua é uniforme. Por fim, no quarto e último módulo, uma produção textual foi solicitada aos alunos com a finalidade de verificar a compreensão leitora.

Na produção textual, foram confeccionados cordéis de autoria dos alunos, onde teriam de discorrer sobre o destino de Lampião, se teria ficado no céu ou no inferno. Para essa produção, foi feita uma revisão da estrutura composicional do cordel e solicitado que a linguagem utilizada na produção fosse a variação regional onde ocorre a história e uma oficina de cordel foi feita na sala de aula. A turma foi dividida em grupos e folhetos de cordel em branco foram distribuídos para que os próprios alunos pudessem por ali, em forma de cordel, a sua compreensão leitora e possível fim do personagem Lampião. Foi requisitado que o texto tivesse a estrutura de cordel, com rimas, linguagem, musicalidade etc, e que eles também produzissem uma capa. A intenção era que os cordéis produzidos fossem totalmente autorais. Finalizados os cordéis, os alunos tiveram a oportunidade de ler para a turma, que discutiram sobre tais leituras, relacionando com outros produzidos que tiveram o mesmo desfecho, assim como associações feitas aos cordéis lidos anteriormente.

O ensino da variação linguística presente nos cordéis se deu na forma de discussões quando tal variação ia sendo percebida pelos alunos no ato da leitura. Ao perceberem palavras escritas fora do padrão gramatical, como *sinhô*, *muié*, ou expressões como *cabra-macho*, *fi de rapariga*, dentre outras, tais termos eram anotados e discutidos no final da leitura. Ao discutir os termos, saber os significados ou o porquê deles estarem escritos daquela forma, considerando que a forma escrita do cordel é a representação da forma falada dos personagens da história, retornava-se ao trecho em que pertenciam os termos e era feita a releitura caso a presença daquela variação tivesse implicado na compreensão da leitura.

Conforme ia se discutindo as variações nos cordéis, eram apresentados os conceitos presentes no conteúdo, afim dos alunos entenderem quais são os tipos de variações presentes na língua. De acordo com Paim, “no que diz respeito à disciplina Língua Portuguesa, verifica-se o interesse em possibilitar um ensino conforme as descobertas mais recentes da linguagem e, por consequência, a abordagem acerca da heterogeneidade da língua.” (2019, p. 39). Isso diz sobre o fato de os alunos entenderem que, mesmo que no Brasil a língua oficial seja o Português, essa língua não é falada da

mesma forma em todo o território, ou em toda classe social, ou mesmo em diferentes épocas.

No decorrer da leitura dos cordéis, estrofe a estrofe, os alunos iam percebendo algumas formas da variação presente ali, em que mais tarde se constatou ser a variação nordestina, justamente pelo fato da história ser culturalmente do Nordeste. Estrofes como:

Veio uma diaba moça  
Com a calçola de meia  
Puxou a vara da cerca  
Dizendo: A coisa tá feia  
Hoje o negócio se dana!  
E gritou: êta baiana  
Agora a ripa vadeia. (PACHECO, p. 5)

Nesse trecho, por exemplo, os alunos perceberam a variação *calçola*. Logo, depois de algumas explicações conceituais e alguns exemplos, constataram que se tratava de uma variação histórica da palavra calcinha, ou roupa íntima. Ainda nesse trecho do cordel, houve alunos que não sabiam que a palavra *vara* se tratava de uma variação diatópica para galho de árvore. Os alunos também se atentaram para o *êta*, presente no exemplo. Porém eles sabiam que se tratava de uma expressão nordestina que representa espanto, sendo caracterizada como uma interjeição. Então, tiveram a ciência de que também se tratava de uma variação diatópica.

Um outro exemplo é:

Lampeão foi no inferno  
Ao depois no céu chegou  
São Pedro estava na porta  
Lampeão então falou:  
Seu cabra não tenha medo  
Me diga quem é São Pedro  
E logo a carabina puxou. (CAVALCANTE, p. 1)

Já nesse trecho, o primeiro estranhamento foi a grafia da palavra *Lampeão*. Nesse caso, a discussão foi em cima da variação fala/escrita, dando o conhecimento de que muitos dos “erros” de grafia presentes nos cordéis se dão pelo cordelista se manter fiel à fala do povo nordestino. Outra variação apontada pelos alunos foi do termo *cabra*, pois eles não sabiam que se tratava de um homem na linguagem do Nordeste. Logo entenderam que também se tratava de uma variação diatópica.

Assim, enquanto se executava a leitura de um gênero literário, era feito também o ensino de variação linguística. Os alunos foram sujeitados à leitura de um texto e, paralelamente, à aprendizagem de um conteúdo curricular, pouco abordado nas aulas de língua e até mesmo no material didático, visto que a esse assunto apenas poucas folhas lhe são dedicadas com uma discussão superficial. Na produção textual, os alunos conseguiram reproduzir de forma significativa a variação falada pelo povo nordestino.



Eles se valeram de pesquisas na internet e utilizaram expressões presentes nos cordéis lidos anteriormente para compor o repertório da variação em seus textos. Eles também conseguiram produzir um texto em que correspondesse ao destino final de Lampião, se teria ido para o céu ou inferno, demonstrando assim a compreensão da leitura e o que se propusera a atividade. A escolha dessa atividade se deu pelo fato da extrema importância para o processo de ensino-aprendizagem explorar e desenvolver o lado artístico do aluno, sem um certo ou errado, mas uma expressão do seu pensamento e compreensão, que, segundo Marinho e Pinheiro (2012), “é sempre bom lembrar que as atividades de criação em sala de aula devem ter um caráter lúdico, favorecendo a livre expressão do aluno [...]” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 141), ou seja, permitir que o aluno expresse sua criatividade por meio das atividades é torná-lo protagonista da sua própria habilidade, fazendo com que sua voz seja ouvida e seus pensamentos considerados.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de experimento de uma forma de ensino de variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa de escola pública forneceu informações para afirmar que é preciso acontecer na escola variedade de métodos de ensino, tanto em relação à variação linguística, pois este fenômeno está presente na língua e em decorrência de vários fatores: geográficos, sociais e culturais, quanto a outros conteúdos. Considerou-se então que o letramento literário é um bom exemplo de relacionar o ensino à prática de leitura, pois enquanto se utiliza do texto literário para trabalhar com os alunos um conteúdo programático, fomenta também o ato da leitura, apresentando aos alunos novos textos, expressões literárias, gêneros, bem como formando leitores. Também foi possível observar a importância do ensino de variação linguística, vendo que dar aos alunos a consciência de que não existe apenas uma forma de falar, evita formas de preconceito que aqueles que não reproduzem a fala que é considerada correta pela tradição gramatical. Isso é realidade na vida dos alunos, pois como são de escola pública, muitos convivem com pessoas de baixa escolaridade, de classe social desfavorecida, de épocas diferentes etc, tudo efeito gerador de uma variante.

No que diz respeito ao uso do cordel na sala de aula, o gênero é suficientemente capaz ao que propõe. É uma ótima fonte de entretenimento, pois suas histórias conseguem atrair a atenção dos leitores, bem como mantê-los atentos ao decorrer das histórias contadas. A literatura de cordel também pode ser um material didático multidisciplinar, ou seja, dela pode ser trabalhada uma variedade de conteúdos programáticos de qualquer disciplina, seja História, Geografia, Língua Portuguesa etc. É um gênero rico, cultural e educacionalmente falando, porém pouco explorado, desvalorizado. Marinho e Pinheiro (2012) dizem que “abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista de maior importância.” (p. 11). Portanto, é preciso que se dê na escola espaço ao gênero e tudo que ele possa proporcionar no processo de ensino/aprendizagem.

O ensino de língua pode ser feito de diversas formas utilizando diferentes metodologias que deixem os estudos mais agradáveis, dinâmicos e o mais próximo da realidade do aluno possível. O letramento literário é uma delas, pois além de ensinar, entretêm, permitindo que o aluno aprenda de forma prazerosa, pois a Literatura, dentre suas diversas funções, tem a de descontrair. Porém o que se vê são formas arcaicas de ensino, pautadas na dicotomia certo e errado e que não libertam os alunos dos dogmas do ensino. Cabe ao educador procurar a melhor forma de ensinar, utilizando-se das diversas ferramentas de ensino ao seu dispor e que sejam capazes de suprir a necessidade do aluno, enriquecendo seu conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. São Paulo: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BRASIL/MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação fundamental, 1997, p. 19-41.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A chegada de Lampião no céu*. [Folheto de cordel].

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2 ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; NOVERRAZ, Michèle. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.

PACHECO, José. *A chegada de Lampião no inferno*. [Folheto de cordel].

PAIM, Marcela Moura Torres. *Tudo é diverso no universo*. Salvador: Quarteto, 2019.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2008.